

Dentre as **ruba'iyat** de Khayyam inspiradas nessa temática, estão especialmente o **ruba'i** de número XX na 1ª edição (XXI nas edições seguintes); o de número XXIII na 1ª edição (XXVI na 2ª edição e XXIV nas duas seguintes) e o de número XXXVII da 1ª edição, todos já citados no capítulo anterior.<sup>37</sup>

Outro ponto de identificação das **ruba'iyat** pessoais com as de Khayyam está no apelo a Sáki, que aparece subtendida no poema [187] da *Obra Poética*, e no emprego da “rosa”, ainda que perfumada, pelo espírito negativista de Pessoa. A cidade natal do poeta persa também é suscitada, como o lugar onde, duas vezes por ano, florescem as rosas.

A título de exemplificação, consideraremos: o poema da p. 97 das *Novas Poesias Inéditas*, datado de 30/11/1933, porém apenas o terceiro **ruba'i** e o quinto, onde se constata a presença das rosas e de Nishapor; a **ruba'iyat** da p. 70 também das *Novas Poesias Inéditas*, datada de 20/01/1933, mas somente o último **ruba'i**, onde o eu poético permite ao tu, com quem parece dialogar, que colha rosas, não obstante seu caráter efêmero diante do tudo-nada, e duas **ruba'iyat** do espólio do fundo Pessoa da Biblioteca Nacional, onde aparecem não só as rosas e Nishapor, como também Sáki, deitando vinho à taça bêbada do poeta fingidor.

(...)

Troca por vinho o amor que não terás. (30/11/1933)  
O que 'sperarás, perene o 'sperarás.  
O que bebes, tu bebes. Olha as rosas.  
Morto, que rosas é que cheirarás?

(...)

Duas vezes ao ano, diz quem sabe,  
Em Nishapor, onde me o mundo cabe,  
Florem as rosas. Sobre mim sepulto  
Essa dupla anuidade não acabe!  
(...)“<sup>38</sup>

\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*

“Colhe rosas? Que colhes, se não-de ser (20/01/1933)  
Motivos coloridos de morrer?  
Mas colhe rosas. Porque não colhê-las  
Se te agrada e tudo é deixar de o haver?”<sup>39</sup>

<sup>36</sup> PESSOA, Fernando. “[Rubaiyat]”. In: GALHOZ, Maria Aliete. “Canções de beber na obra de Fernando Pessoa: rubai e rubayat na poesia ortónima.” Op. cit., p. 23.

<sup>37</sup> V. **ruba'iyat** XX, p. 26; V. **ruba'iyat** XXIII, p. 43; V. **ruba'iyat** XXXVIII, p. 41.

<sup>38</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., pp. 97 e 98.

<sup>39</sup> Id. *ibid.*, p. 71.

\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*

“Em Naishapur<sup>40</sup> as vozes são ditosas.  
Há festa onde há felizes. Saborosas,  
As gargalhadas saiem da panela.  
E a noite desce sem saber das rosas.

Quero, Sáki, uns versos consagrar  
Àquele doce e indiferente olhar  
Que vejo em cima quando deitas vinho,  
Em teu erguido e calmo debruçar.

Mal te vejo, de bêbados que sinto  
Aquela alma e corpo em que me minto.  
Mas teu vulto é uma graça que eu quisera  
Se o querer em mim quisesse. O vinho é tinto.  
Quando do fundo anónimo da casa  
Surges, a ânfora erguida, um pouco atrasa  
Meu tédio a viagem para nada ser.  
Vens, e em teus passos dorme qualquer asa.”<sup>41</sup>

\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*...\*

“Vamos dormir, pois que a ciência certa  
Ninguém a atinge. A janela entreaberta  
Deixa passar os sons do povoado.  
Quem sou? Quem em mim dorme ou em mim desperta?

Doze vezes a lua completou  
O giro que dá meses, e não sou  
O mesmo que era doze vezes. Nasço  
Ou morro? Morro e nasço. Passo e estou.

No roseiral do extremo do jardim  
Há talvez rosas nadas para mim.  
Mas quem lhes diz que me ergo a ir ter até elas  
Que nunca tenho um passo nem um fim?

Depois das rosas, Sáki, a que versaste  
O vinho em minha taça e te afastaste,  
Quem mais rosa que tu, que te partiste?  
Quem mais vinho que tu, que te negaste?”<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Não há consenso quanto à grafia da cidade natal de Khayyam que ora aparece como “Naishapur”, “Nichapour”, ora como “Nichapur” e “Nichapor”.

<sup>41</sup> PESSOA, Fernando. “[Rubaiyat]”. In: GALHOZ, Maria Aliete. “Canções de beber na obra de Fernando Pessoa: rubai e rubayat na poesia ortónima”. Op. cit., p. 20.

<sup>42</sup> Id. ibid., p. 21.

Em muitas **rubaiyat** do poeta persa, figura a imagem da rosa ou, simplesmente, da flor. Sempre com letra maiúscula, representa a beleza da vida, apesar do seu inevitável fenecimento. Ao contrário de Pessoa, Khayyam não só contempla a beleza, como procura semeá-la e colhê-la. O **rubai** XV da 2ª edição (XIV na terceira e quarta) espalha a semente da esperança ao permitir o desabrochar da “Rosa”:

“Look to the blowing Rose about us - ‘Lo,  
Laughing’, she says, ‘into the world I blow:  
At once the silken tassel of my Purse  
Tear, and its Treasure on the Garden throw.’”<sup>43</sup>  
“Olhe para a Rosa que desabrocha - ‘Veja,  
Sorria’, ela disse, ‘no mundo eu floresço:  
Rompo de imediato a borla sedosa de minha Bolsa  
E espalho seu Tesouro no Jardim.’”

No **rubai** XXIV da 2ª edição da tradução de Fitzgerald (XIX nas edições posteriores), o florescimento da Rosa é comparado ao derramamento de sangue de César, o famoso general romano. Na **rubaiyat** de Pessoa, a da p.97 das *Novas Poesias Inéditas*, mais propriamente no penúltimo **rubai**, César aparece como qualquer homem com poder de mando que tenha cavalgado os campos da terra e cuja morte em nada altera a ordem vital da natureza. Apesar do domínio de um homem sobre os outros, sua morte é certa e definitiva, enquanto a Natureza é cíclica, capaz de renascer ininterruptamente. A transcrição desse **rubai** de Khayyam e desse **rubai** de Pessoa tem por objetivo elucidar semelhante interpretação.

“I sometimes think that never blows so red  
The Rose as where some buried Caesar bled;  
That every Hyacinth the Garden wears  
Dropt in her Lap from some once lovely Head.”<sup>44</sup>

“Às vezes penso que nunca floresce tão vermelha  
A Rosa como onde sangrou o corpo estirado de César;  
Que cada Jacinto veste o Jardim  
Abandonado no Regaço de alguma Cabeça formosa.”

O **rubai** de Pessoa, cujo subtexto é o poema acima mencionado, diz assim:

---

<sup>43</sup> KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 2ª ed., Op. cit., p. 78.

<sup>44</sup> Id. *ibid.*, p. 81.

“(…)  
Com seus cavalos imperiais calcando  
Os campos que o labor ‘steve lavrando,  
Passa o César de aqui. Mais tarde, morto,  
Renasce a erva, nos campos alastrando.  
(…)”<sup>45</sup>

É na 2ª edição e nas posteriores do *Ruba’iyat* de Khayyam que aparece a referência à cidade natal do poeta persa. O **ruba’i** VIII da 2ª edição (número idêntico nas duas últimas edições), com um tom pessimista, declara que tanto em Naishapur, quanto na Babilônia, o vinho e a vida perecem, sem que haja meios para mudar essa situação.

“Whether at Naishapur or Babylon,  
Whether the Cup with sweet or bitter run,  
The Wine of Life keeps oozing drop by drop  
The Leaves of Life keep falling one by one.”<sup>46</sup>

“Seja em Naishapur, seja na Babilônia,  
Seja doce ou amargo o que a Taça ressuma,  
O Vinho da Vida escorre gota a gota  
As Folhas da Vida tombam uma a uma.”

Quanto ao apelo à Sáki, no poema XLVII da 2ª edição (XLVI nas duas últimas edições), a sua ação se iguala à do próprio Destino que comanda as vidas humanas, vertendo da taça da criação milhões de gotas do vinho cor de sangue. (Em outra parte de nosso trabalho, esse mesmo **ruba’i** foi utilizado para exemplificar a recorrência à imagem da bebida, ponto característico da filosofia omariana).<sup>47</sup>

Afora o levantamento, nesse subitem, dos pontos de semelhança entre as **ruba’iyat** de Khayyam e as de Pessoa, houvermos por bem considerar ainda a autoria desses poemas, atribuídos a Fernando Pessoa “ele mesmo”. É ponto pacífico que muitos deles, dentre os quais o que se encontra no *Cancioneiro* e aqueles compilados nas *Poesias Inéditas (1919-1930)*, *Poesias Inéditas (1930-1935)* e nas *Novas Poesias Inéditas*, sejam mesmo de autoria do ortônimo, sem falar da **ruba’iyat** publicada na revista *Contemporânea* 3, assinado pelo próprio punho do autor de *Mensagem*. Mas o que dizer das **ruba’iyat** descobertas por Maria Aliete Galhoz no fundo Pessoa da Biblioteca Nacional?

---

<sup>45</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., p. 98.

<sup>46</sup> KHAYYAM, Omar. *Ruba’iyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 2ª ed., Op. cit., p. 77.

<sup>47</sup> V. **ruba’iyat** XLVII, p. 27.

Muitas delas não aparecem assinadas. O que levou então a sua atribuição ao ortônimo (e não a outro heterônimo) feita pela referida pesquisadora?

O nosso estudo de algumas delas, nesse primeiro confronto com a obra de Khayyam, já parece justificar o procedimento de Galhoz, haja vista a presença de características inerentes à criação poética de Fernando Pessoa “ele mesmo”, constatadas ao longo dos versos que compõem esses textos, em geral, datilografados. Dentre elas, a falta de adequação à vida “real”, o que leva o poeta a um estado de solidão onde não há lugar para a felicidade; a agonia de um eu problemático que se recusa a ter sentimentos de ódio e de amor para com o outro<sup>48</sup>; o ceticismo amargo de um poeta que não cessa de fingir; o nihilismo que avassala até mesmo um jardim de rosas. Paralelamente, é claro, está a interrelação com as **ruba’iyat** do poeta persa e os seus pontos de convergência.

Comprovadamente justificados, as **ruba’iyat** do ortônimo apresentam também pontos de divergência com as de Khayyam e muitos pontos de semelhança entre si. Isso é o que tentaremos mostrar no subitem 1.3 desse capítulo.

## ONDE A VOZ DO ORTÔNIMO ECOA NO NILISMO

Levantados os pontos de semelhança entre as **ruba’iyat** de Khayyam e as de Pessoa, trataremos nesse subitem dos possíveis pontos de diferenciação que culminam em singularidades inerentes à obra poética dos dois autores.

No que concerne ao aspecto formal, tanto as **ruba’iyat** de Khayyam, quanto as de Pessoa, conforme já demonstramos no subitem anterior, apresentam o mesmo esquema rímico (AABA), com quadras aparentemente independentes entre si. Já no que tange ao aspecto do conteúdo, vimos também que muitas características intrínsecas à obra omariana encontram eco na produção poética do ortônimo, em especial nos dezesseis poemas selecionados para análise. O objetivo do estudo parte agora para a demonstração não das semelhanças entre os dois poetas, mas das possíveis diferenças que

---

<sup>48</sup> “A voz de quem me odeia inútil fala,  
A de quem me ama inutilmente embala.  
Não quero amor nem ódio, nem que me digam  
De que me serve um outrem? Cala! Cala!”

Cf. PESSOA, Fernando. “[Rubai]”. In: GALHOZ, Maria Aliete. “Canções de beber na obra de Fernando Pessoa: rubai e rubayat na poesia ortônima”. Op. cit., p. 24.

caracterizam as respectivas criações literárias e, de modo particular, o universo complexo de Fernando Pessoa “ele mesmo”.

Procurando retomar a argumentação de Alexandrino Severino acerca do poema “Rubaiyat” do ortônimo, verificamos que, para além das similaridades na forma e na temática geral (“o vinho como lenitivo”), tal poema de Pessoa distancia-se das **rubaiyat** de Khayyam na resolução final, na medida em que “tanto a relidade subjectiva, como a realidade das coisas exteriores se fundem na definição do nada.”<sup>49</sup> Em Khayyam, a bebida funciona como refúgio, como fuga do mundo exterior, ao passo que, para Pessoa, ambos, o interior, representado pela dor, e o exterior, representado pela festa, se reduzem sumariamente ao nada.

No último **rubai** dessa **rubaiyat** de Pessoa (“Ao goso segue a dôr, e o goso a esta./ Ora o vinho bebemos porque é festa./ Ora o vinho bebemos porque ha dôr./ Mas de um e de outro vinho nada resta.”<sup>50</sup>), o prazer aparece associado ao sofrimento, como se a alegria e a tristeza andassem de mãos dadas e se fundissem, inesperadamente, no nada. O que existe, de fato, pensando com a mente paradoxal do ortônimo, é a dissolução de tudo, o não-ser.

Idêntica concepção aparece no poema da p. 97 das *Novas Poesias Inéditas*, mais especificamente no último **rubai**, tal qual a **rubaiyat** acima, onde o vinho garante o esquecimento e a sensação do prazer sem as amarras do amor. O nada passa a constituir o tudo, já que se reveste da liberdade plena do solitário gozo, voluntariamente descompromissado.

“(…)

Goza o Sultão de amor em quantidade.

Goza o Vizir amor em qualidade.

Não gozo amor nenhum. Tragam-me vinho

E gozo de ser nada em liberdade.

(…)”<sup>51</sup>

Na **rubaiyat** das pp. 65 e 66 das *Novas Poesias Inéditas*, mais propriamente no primeiro **rubai**, o recurso da bebida como estratégia para o não-questionamento também é empregado pelo poeta que se recusa a pensar o futuro e a compreender o mistério da vida. A única certeza é o momento presente, mergulhado no aniquilamento.

---

<sup>49</sup> SEVERINO, Alexandrino. “‘Rubaiyat’, um poema desconhecido de Fernando Pessoa”. I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, *Actas*. Porto, Brasília Editora, Centro de Estudos Pessoaanos, 1979, p. 54.

<sup>50</sup> PESSOA, Fernando. “Rubaiyat”. In: *Contemporânea*. Lisboa, S.3 (3), 1926, p. 98.

<sup>51</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. 4ª ed., Lisboa, Edições Ática, s.d., pp. 97 e

“Não digas que, sepulto, já não sente  
O corpo, ou que a alma vive eternamente.  
Que sabes tu do que não sabes? Bebe!  
Só tens de certo o nada do presente.  
(...)”<sup>52</sup>

O **rubā’i** XXXVIII da 1ª edição da tradução de Fitzgerald ( XLIX na 2ª e XLVIII nas 3ª e 4ª edições, com algumas modificações) parece se aproximar da temática niilista defendida por Pessoa, uma vez que a “Caravana”, enquanto grupo de peregrinos, mercadores ou viajantes reunidos com o objetivo de atravessar o deserto com segurança, parte para a “Aurora do Nada” após ter provado do oásis, símbolo da vida.

“One Moment in Annihilation’s Waste,  
One Moment, of the Well of Life to taste -  
The Stars are setting and the Caravan  
Starts for the Dawn of Nothing - Oh, make haste!”<sup>53</sup>

“Um Momento no Deserto da Aniquilação,  
Um Momento, para provar do Bem da Vida -  
As Estrelas estão se pondo e a Caravana  
Parte para a Aurora do Nada - Oh, apresse-se!”

O que diferencia essa visão do “nada” de Khayyam da vivência niilista pessoana é a polarização que o poeta persa estabelece entre a fonte de vida, simbolizada pelo “poço” e pela “aurora”, e o lugar da aniquilação, simbolizado pelo “deserto”.

A **rubā’iyat** das pp. 68 e 69 das *Novas Poesias Inéditas*, particularmente o terceiro **rubā’i**, acentua a visão niilista pessoana, na medida em que anula qualquer possibilidade de realização do desejo.

“(…)”  
Nada ‘speres, que nada salvo nada  
Obtém que[m] ‘spera: é como quem à estrada  
Lance olhos de esperar que alguém lhe chegue  
Só porque a estrada é feita para andada.  
(...)”<sup>54</sup>

Acerca desse malogro existencial por não alcançar o que se quer, Leyla Perrone-Moisés, a propósito de outros poemas, afirma que essa aspiração ao

<sup>52</sup> Id. *ibid.*, p. 65.

<sup>53</sup> KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Rendered into English verse by Edward Fitzgerald. 1ª ed., Leipzig, Bernhard Tauchnitz, 1910, p. 34.

<sup>54</sup> PESSOA, Fernando. *Novas poesias inéditas*. Op. cit., p. 68.

nada em Pessoa constitui “obra do recalque dessa frustração [do ser e do desejo], solução de fuga diante do que não pode suportar”.<sup>55</sup> Para ele, querer significa nunca ter e desejar, não alcançar. Dando continuidade a esse raciocínio, a autora explicita que “isso que nunca se alcança não é *inexistente*, pois o *nada* não provoca um sentimento de falta (ou qualquer sentimento). Ora, o *nada* de Pessoa é ‘um nada que dói’ (*O.P.*, p. 391). Um *nada* total, um nada que não doesse é aquilo a que Pessoa aspira como calma, como ‘perdão’: nulidade de afetos que seria remissão do ser, morte libidinal que vem do recalque do desejo frustrado.”<sup>56</sup> Freud e Lacan, em vários momentos, dissecaram essa problemática do eu que não consegue o que não quer ter: isso ocorre porque o que se deseja é o Outro, aquele que não se consegue ter, mas que é ardentemente desejado. Pessoa e, em especial, o ortônimo, aspira alcançar, mas está fadado à vacuidade.

Distinguindo entre o vazio e o nada, mais uma vez a autora ressalta que essa distinção “é fundamental para a compreensão de Pessoa. O vazio é a falta, o nada é o não-ser.”<sup>57</sup> Em outras palavras: o vazio é a não-realização do desejo, ao passo que o nada, psicanaliticamente falando, é a exclusão, do campo da consciência, do desejo não admitido, mas da qual ele é indissociável, fazendo parte, assim, da vida psíquica do indivíduo e podendo gerar sérios distúrbios. Deste modo, podemos depreender que tanto a não-realização do desejo, quanto a sua exclusão da consciência fazem parte da personalidade do poeta português.

Tentando matar em si o desejo, Pessoa, na **persona** do ortônimo, se vale de subterfúgios como a contemplação e a ataraxia, com vistas à imperturbabilidade do espírito. No entanto, essa tentativa é baldada. Prova disso é que o nada continua vivo e presente em praticamente todas as **rubá’iyat** escolhidas para estudo. A persistência do sono e da inação, acompanhada da apologia da desesperança, não passam de vãos ardis contra a força sempre latente do desejo. Na **rubá’iyat** da p. 73 das *Novas poesias inéditas*, datada de 24/02/1933, ainda “inédita” em nosso trabalho, a par do recurso à bebida como refúgio existencial, o poeta se entrega ao estado letárgico e à condição ascética para fugir do gozo amoroso. Sua insistência em “não desejar” acentua o recalque da não-realização do desejo. O nada ganha, assim, a superfície da consciência.

---

<sup>55</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: quem do eu, além do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 84.

<sup>56</sup> Id. *ibid.*, p. 85.

<sup>57</sup> Id. *ibid.*, p. 84.

“Tudo foi dito antes que se dissesse.  
O vento aflora vagamente a messe,  
E deixa-a porque breve se apagou.  
Assim é tudo-nada. Bebe e esquece.

Na eterna sesta de não desejar  
Deixa-te, bêbado e asceta, estar.  
Lega o amor aos outros, que a beleza  
Foi feita só para se contemplar.”<sup>58</sup>

Com respeito a essa visão bem pessoal do mundo, Nietzsche, ao tratar do niilismo, a ela se refere. Após levantar as duas primeiras categorias que parecem justificar o niilismo enquanto estado psicológico, o autor da tese do “eterno retorno” levanta ainda uma terceira e última categoria: “a descrença num mundo metafísico”. Num parágrafo que funciona como uma espécie de resumo, o filósofo reúne as três categorias que, canalizadas, vão, para ele, desembocar num mundo sem valor; logo, ilusório. Reproduzindo literalmente suas palavras: “Dadas essas duas compreensões, de que com

o vir-a-ser nada deve ser alvejado<sup>59</sup> e de que sob todo o vir-a-ser não reina nenhuma grande unidade em que o indivíduo pode submergir totalmente como em um elemento de supremo valor: resta como escapatória condenar esse inteiro mundo do vir-a-ser como ilusão e inventar um mundo que esteja para além dele, como verdadeiro mundo. Tão logo, porém, o homem descobre como somente por necessidades psicológicas esse mundo foi montado e como não tem absolutamente nenhum direito a ele, surge a última forma do niilismo, que encerra em si a descrença em um mundo metafísico, que se proíbe a crença em um mundo verdadeiro. Desse ponto de vista admite-se a realidade do vir-a-ser como única realidade, proíbe-se a si toda espécie de via dissimulada que leve a ultramundos e falsas divindades - mas não se suporta esse mundo, que já não se pode negar ...”<sup>60</sup>

No fundo, Nietzsche revela que entende que “o sentimento da ausência de valor

foi alvejado, quando se compreendeu que nem com o conceito ‘fim’, nem com o conceito ‘unidade’, nem com o conceito ‘verdade’ se pode interpretar o caráter global da existência. Com isso, nada é alvejado e alcançado; falta a unidade abrangente na pluralidade do acontecer: o caráter da existência não é ‘verdadeiro’, é falso ... não se

---

<sup>58</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., p. 73.

<sup>59</sup> Ao que tudo indica, essa palavra, que parece derivar do infinitivo do verbo “alvejar”, se apresenta equívoca àquela escolhida pelo tradutor, uma vez que, modernamente, denota a significação de “tornar alvo”, “embranquecer”, o que não corresponde à idéia de “atingir”, “alcançar” sugerida por Nietzsche.

<sup>60</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas*. Coleção “Os Pensadores”. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Ed. Abril, 1979, p. 389.

tem absolutamente mais nenhum fundamento para se persuadir de um verdadeiro mundo ... Em suma: as categorias 'fim', 'unidade', 'ser', com as quais tínhamos imposto ao mundo um valor, foram outra vez retiradas por nós - e agora o mundo parece sem valor..."<sup>61</sup>

Pessoa reitera o sem-sentido do mundo no **rubá'i** seguinte, em que pede, quase ordena, que o deixem viver o ócio do momento, sem a presença da realidade - "ilusão vista e sentida".

"(...)  
Sob os ramos que falam com o vento,  
Inerte, abduco do meu pensamento.  
Tenho esta hora e o ócio que está nela.  
Levem o mundo: deixem-me o momento!  
(...)"<sup>62</sup>

Na **rubá'iyat** das pp. 68 e 69, também das *Novas Poesias Inéditas*, destaca-se idêntica concepção do mundo a encerrar um poema marcado pela negatividade e pela sensação intervalar, esta profundamente arraigada à personalidade do poeta.

"(...)  
Bebe. Se escutas, ouves só o ruído  
Que ervas ou folhas trazem ao ouvido.  
É do vento, que é nada. Assim é o mundo:  
Um movimento regular de olvido.  
(...)"<sup>63</sup>

Tal qual o vento que acaba sendo reduzido ao nada, o mundo, em seu processo constante de adormecimento (esquecimento?), passa a não ter valor e a ser igualado ao mesmo nada que define o vento, que, por sua vez, define o ruído responsável pelo movimento das ervas e folhas. A saída desse redemoinho está nos enleios da bebida - lugar de refúgio para a alma doente de desejo. Assim, tanto nas **rubá'iyat** de Khayyam, quanto nas de Pessoa, o vinho aparece como lenitivo para a dor que ambos experimentam. A diferença entre eles é apenas de **grau**: em algumas **rubá'iyat** pessoais, o vinho funciona mais intensamente como forma de abrandamento do espírito em face dos infortúnios da realidade exterior do que em algumas **rubá'iyat** omarianas. Mas o contrário também se verifica.

<sup>61</sup> Id. *ibid.*, p. 389.

<sup>62</sup> PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Op. cit., poema [187], p. 11.

<sup>63</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., p. 69.

Outra diferença de grau entre as **rubaiyat** do poeta persa e as do poeta português está no apelo ao despertar, associado à ação e à mudança. No tocante a Khayyam, somos levados a “despertar” já no primeiro **rubai**, modificado nas três primeiras edições, exceto no emprego inicial enfático do verbo “despertar” no modo imperativo, acompanhado de ponto de exclamação. A título de comprovação, consideremos tal **rubai** nas duas primeiras edições.

“Awake! for Morning in the Bowl of Night  
Has flung the Stone that puts the Star to Flight;  
And Lo! the Hunter of the East has caught  
The Sultan’s Turret in a Noose of Light.”<sup>64</sup>

“Wake<sup>65</sup>! For the Sun behind yon Eastern height  
Has chased the Session of the Stars from Night;  
And, to the field of Heav’n ascending, strikes  
The Sultan’s Turret with a Shaft of Light.”<sup>66</sup>

“Desperta! porque a Manhã lançou na Taça da Noite  
A Pedra que põe as Estrelas ao Rasgo;  
E Ah! o Caçador do Leste apanhou  
A Torre do Sultão num Laço de Luz.”

“Desperta! Porque o Sol por detrás do monte Oriental  
Já expulsou a Sessão das Estrelas da Noite;  
E, para atingir a esfera do Paraíso, se acende  
A Torre do Sultão com um Raio de Luz.”

Outra ocorrência do verbo “despertar” em Khayyam podemos encontrar no **rubai** de número XXVIII da 2ª edição.

“Another Voice, when I am sleeping, cries,  
‘The Flower should open with the Morning skies.’  
And a retreating Whisper, as I wake -  
‘The Flower that once has blown for ever dies.’”<sup>67</sup>

“Uma outra Voz grita enquanto estou dormindo,  
‘A Flor deveria se abrir com as Manhãs celestes.’  
E um Suspiro recolhido, assim que desperto -  
‘A Flor que uma vez desabrochou, morre para sempre.’”

---

<sup>64</sup> KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 1ª ed. Op. cit., p. 25.

<sup>65</sup> Variação, em inglês, de “awake”.

<sup>66</sup> KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 2ª ed. Op. cit., p. 75.

<sup>67</sup> Id. *ibid.*, p. 82.

Embora a inevitabilidade da morte, através do fenecimento da flor, seja o eixo temático desse **rubai**, o que aqui procuramos destacar é a mudança de estado do poeta que passa do estágio letárgico do sono, durante o qual recebe um sinal de que a vida deveria ser eterna, para o estágio de alerta, quando já se completou o ciclo da existência e mais nada é possível mudar. O importante a ser considerado nesse poema é a vontade que o poeta deixa transparecer de despertar para o mundo, por mais que seja fatal a presença sombria e pungente da morte. Em Pessoa e, em especial, no ortônimo, muitas vezes se torna imperioso o ato de dormir, ainda que haja o chamamento evidente para a vida.

A **rubaiyat** da p. 56 das *Novas Poesias Inéditas*, utilizada para exemplificação no subitem anterior, em apenas um **rubai**, coloca em confronto a vida, metaforizada na ação de despertar, com o estado letárgico, representado pelo ato de dormir. Nos versos finais, o eu-lírico interroga sobre a validade do despertar, ainda que já seja tarde.

“No chão do céu o Sol que acaba arde.  
Durmo. Haja a vida com ou sem alarde,  
Será já tarde quando eu despertar? (*sic*)  
Mas que me importa que já seja tarde?”<sup>68</sup>

A recorrência a esse estado de torpor é tão incisivo nas **rubaiyat** pessoais que chega a ser notório em, pelo menos, cinco **rubaiyat** o emprego do verbo “dormir” e, em três delas, o do substantivo “sono”. Em uma das **rubaiyat** encontradas no seu espólio por Maria Aliete Galhoz, afora a persistência em dormir, o eu-lírico levanta a problemática intrínseca a uma das facetas do ortônimo, já destacada por ocasião da sua caracterização no subitem 1.2, a fragmentação do eu ou a procura ontológica da identidade. Nas duas primeiras quadras, fica mais evidente esse conflito interior:

“Vamos dormir, pois que a ciência certa  
Ninguém a atinge. A janela entreaberta  
Deixa passar os sons do povoado.  
Quem sou? Quem em mim dorme ou em mim desperta?

Doze vezes a lua completou  
O giro que dá meses, e não sou  
O mesmo que era doze vezes. Nasço  
Ou morro? Morro e nasço. Passo e estou.  
(...)”<sup>69</sup>

<sup>68</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., p. 56.

<sup>69</sup> PESSOA, Fernando. “[Rubaiyat]”. In: GALHOZ, Maria Aliete. “Canções de beber na obra de Fernando Pessoa: rubai e rubayat na poesia ortônima”. Op. cit., p. 21.

O questionamento acerca da própria identidade ganha, em outra **rubá'iyat**, a da p. 53 das *Poesias Inéditas (1930-1935)*, ares de resposta, na medida em que o poeta afirma que o eu do presente já não será o eu do futuro. O seu senso negativista é tão intenso que só no primeiro **rubá'i** foi possível a identificação de sete vocábulos (a maioria repetidos) de mesma base semântica, como “não”, “nada” e “nem”. No segundo **rubá'i**, o poeta insiste mais uma vez em pregar o refúgio na bebida e no sono, em detrimento do desfrute da vida e do amor. O eu-lírico julga que tanto o tudo, quanto o nada constituem uma única e mesma coisa, por isso a indiferença com a temporalidade e com a construção histórica da existência.

“Não fiz nada, bem sei, nem o farei,  
Mas de não fazer nada isto tirei,  
Que fazer tudo e nada é tudo o mesmo,  
Quem sou é o espectro do que não serei.

Vivemos aos encontros do abandono  
Sem verdade, sem dúvida nem dono.  
Boa é a vida, mas melhor é o vinho.  
O amor é bom, mas é melhor o sono.”<sup>70</sup>

A mesma problemática do eu é ressaltada na **rubá'iyat** das pp. 68 e 69 das *Novas Poesias Inéditas*, sobretudo no primeiro **rubá'i** e no quarto, onde aparece a noção de “intervalo”, não observada em Khayyam.

“Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.  
No intervalo entre o que sou e estou,  
A natureza exterior, tem Sol.  
Mas, se tem Sol, há Sol. Ao Sol me dou.  
(...)

Ninguém suporta o peso mau dos dias  
Salvo por interpostas alegrias.  
Bebe, que assim serás o intervalo  
Entre o que criarás e o que não crias.  
(...)”<sup>71</sup>

Acerca dessa peculiaridade da temática pessoana, Leyla Perrone-Moisés elucida que

“a poética de Pessoa é uma poética do *entre* (*Interlúdio, Intermezzo, Interseccionismo* - palavras privilegiadas em sua obra); esse *entre* não é o *entre* do devir hegeliano

<sup>70</sup> PESSOA, Fernando. *Poesias Inéditas (1930-1935)*. Lisboa, Edições Ática, 1990, p. 53.

<sup>71</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., pp. 68 e 69.

(passagem do Nada ao Ser e do Ser ao nada), mas o *entre* imóvel da indeterminação (Ser = Nada, Um = Outro, presença = vazio). Não se trata de um *entre* histórico (no sentido de passagem ou progresso), mas de um *entre* estacionário, da indecisão e do impasse.”<sup>72</sup>

Na *rubá'iyat* em questão, o eu-poético se situa entre o ser e o estar, entre o que é bom e o que é mau e entre o futuro e o presente, optando não pela imobilidade ou pela indeterminação, mas pelo gozo do prazer fugaz, encontrado na bebida, nas raras alegrias e no calor do sol.

Afora esse contraponto com a produção poética de Khayyam, a poesia do *ortônimo* e, em especial, aquela composta na forma *rubá'i*, envereda invariavelmente para o campo dos sonhos, onde parece possível a realização dos ideais recolhidos. A *rubá'iyat* das pp. 70 e 71 das *Novas Poesias Inéditas*, nas três primeiras quadras, procura estabelecer uma relação dicotômica entre o que se vê, com os olhos da matéria, e o que se sonha, com os olhos do espírito.

Com os olhos da matéria a visão não consegue ultrapassar o plano sensível, por mais que haja a conformidade com a verdade e com o prisma da fé. Já com os olhos do espírito é sempre possível transcender a realidade, ainda que o sonho seja a vida fingida. A vivência onírica é tão intrínseca à alma do poeta que, na segunda quadra, mais especificamente no último verso, o verbo “sonhar”, na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, é por três vezes reiterado, de modo a compor integralmente o verso. Mas é a partir do terceiro *rubá'i* que o sonho acaba sendo inserido também no universo do nada, em que pese o caráter imaginativo e fabuloso daquele. As duas últimas quadras, povoadas pelo niilismo característico do poeta, mergulham nesse extremo oposto: não mais na vida pelo sonho, mas na vida pelo seu sem-sentido. Gradativamente, retornam os olhos da matéria.

“Olhando o mar, sonho sem ter de quê.  
Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.  
Mas de se nada ver quanto a alma sonha!  
De que me servem a verdade e a fé?

Ver claro! Quantos, que fatais erramos,  
Em ruas ou em estradas ou sob ramos,  
Temos esta certeza e sempre e em tudo  
Sonhamos e sonhamos e sonhamos.

As árvores longínquas da floresta  
Parecem, por longínquas, 'star em festa.  
Quanto acontece porque se não vê!  
Mas do que há ou não há o mesmo resta.

<sup>72</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*. Op. cit., p.

Se tive amores? Já não sei se os tive.  
Quem ontem fui já hoje em mim não vive.  
Bebe, que tudo é líquido e embriaga,  
E a vida morre enquanto o ser revive.

Colhe rosas? Que colhes, se não-de ser  
Motivos coloridos de morrer?  
Mas colhe rosas. Porque não colhê-las  
Se te agrada e tudo é deixar de o haver? “ 73

O campo de abrangência do sonho não se limita à fuga da realidade exterior, antes se estende à prática amorosa e a todas as suas veleidades. O poeta não vive o amor, sonha-o, porque assim consegue se distanciar do objeto de desejo que constitui, de fato, o Outro.

Na *rubaiyat* [187] da *Obra Poética*, nos dois primeiros versos do quarto *rubai*, evidenciamos uma tentativa de estreitamento do vinho com a relação sensual, suscitada por Sâki, porém, logo em seguida, no terceiro verso, destoante dos demais já no padrão rímico, essa possível concretização do desejo se transfere para o plano onírico, onde, ao que tudo indica, o poeta se sente mais à vontade, onde o amor sexual parece fluir mais livremente, sem remorso ou sentimento de culpa.

“(…)  
Quando a jarra que trazes aparece  
Sobre meu ombro e a sua curva desce  
A deitar vinho, sonho-te, e, sem ver-te,  
Por teu braço teu corpo me apetece.  
(…)” 74

O recalque do desejo culminando no nada atinge o clímax no *rubai* abaixo, extraído do espólio de Pessoa. Nele, a recusa do Outro implica na recusa do ódio e, também na do amor. O plano não é mais dos sonhos, mas o da realidade nua e crua. Para o poeta, é inútil odiar e é inútil amar: sentir o Outro é assumir o que não se quer ter e o que não poderá ser alcançado.

“A voz de quem me odeia inútil fala,  
A de quem me ama inutilmente embala.  
Não quero amor nem ódio, nem que me digam  
De que me serve um outrem? Cala! Cala!” 75

<sup>73</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., pp. 70 e 71.

<sup>74</sup> PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Op. cit., poema [187], p. 119.

<sup>75</sup> PESSOA, Fernando. “[Rubai]”. In: GALHOZ, Maria Aliete. “*Canções de beber na obra de Fernando Pessoa: rubai e rubayat na poesia ortónima*”. Op. cit., p. 24.

No tocante à temática amorosa na obra do ortônimo, o renomado estudioso Jacinto do Prado Coelho introduz a polémica ao mostrar a contraposição da emoção de amar ao pensamento dessa emoção. Segundo seu ponto de vista,

“os raros poemas de amor da poesia ortónima visam muito menos a amada, a posse ou a comunhão afectiva, que o pensamento do amor. A consciência que tem de amar afrouxa no poeta o amor; ao confessá-lo, ouve-se a si próprio, e, ouvidas, as suas palavras ganham um timbre diferente. De fato, o objecto do seu amor é o próprio amor: (...)”<sup>76</sup>

Para Pessoa, contemplar o amor ou legá-lo aos outros é vivê-lo, só que no âmago da consciência, sem os arroubos da paixão e o prazer efêmero da luxúria. Sonhando-o, tudo passa a ser possível, porque fruto da elucubração da alma. Vejamos como isso aparece na poesia de Khayyam.

Num capítulo dedicado à exposição das bases filosóficas do Sufismo, de que nos ocupamos em outro lugar da tese de que é parte deste ensaio, mais propriamente no item concernente à tentativa de definição do posicionamento filosófico-religioso de Khayyam, fizemos o levantamento dos pontos principais que caracterizam a tendência mística islâmica e seus reflexos na produção poética do poeta persa. Um dos pontos dominantes levantados foi o enquadramento de Khayyam no primeiro estágio do Sufismo, conhecido como o período ascético-místico, onde não havia ainda a introdução do elemento “amor” que caracterizaria o estágio seguinte. Os praticantes desse primeiro estágio, dada a meditação e a prática constantes dos ditos alcorânicos acerca do Juízo Final, ficaram conhecidos como “aqueles que sempre choram”. Reagindo contra a mundanidade, procuraram seguir estritamente a lei divina, relevando sua onipotência e onipresença.

O amor para os ascetas-místicos se resume na simples obediência à magnitude de Deus, ainda que, como temos comprovado até aqui, haja em Khayyam a expressão da união amorosa com o vinho ou a bebida. Em algumas **ruba'iyat**, inclusive, o vinho aparece personificado na mulher, inebriando e induzindo à sedução amorosa. Não obstante haja o jugo do Fado e do Criador, responsável-mor pelas perfeições e imperfeições de suas criaturas, Khayyam não se encarcera no sonho para nele se sentir apto a amar, nem comunga com a mente esse sentimento próprio do coração. Entrega-se ao prazer momentâneo, contraindo com o vinho a união conjugal com a amada.

Dentre as **ruba'iyat** em que podemos constatar essa personificação amorosa está o poema XX da 1ª edição (XXI na três edições seguintes), já

---

<sup>76</sup> COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 10ª ed., Lisboa, Editorial Verbo, s.d., pp. 108 e 109.

citado no segundo capítulo; o poema XL da 1ª edição (LVII na 2ª, com o primeiro verso modificado, LV nas duas últimas edições, com modificações no primeiro e segundo versos); o poema LXXIII da 1ª edição (CVIII na 2ª e XCIX nas duas edições seguintes, com o primeiro verso ligeiramente modificado) e o poema CIX da 2ª edição (C nas duas últimas edições, com modificações significativas). Consideremos, para fins de elucidação, os poemas ainda não citados no decorrer desse trabalho.

"You know, my Friends, how long since in my House  
For a new Marriage I did make Carouse:

Divorced old barren Reason from my Bed,  
And took the Daughter of the Vine to Spouse." <sup>77</sup>

\* \* \* \* \*

"Ah Love! could thou and I with Fate conspire  
To grasp this sorry Scheme of Things entire,

Would not we shatter it to bits - and then  
Re-mould it nearer to the Heart's Desire!" <sup>78</sup>

\* \* \* \* \*

"But see! The rising Moon of Heav'n again  
Looks for us, Sweet-heart, through the quivering Plane:

How oft hereafter rising will she look  
Among those leaves - for one of us in vain!" <sup>79</sup>

"Vocês sabem, meus Amigos, que desde que em meu Lar  
Um novo Casamento contraí com Alegria:

Apartei a Razão árida de meu Leito,  
Para a Filha da Vinha desposar."

"Ah, Amor! Pudéssemos conspirar contra o Fado  
Para que este Esquema deplorável das Coisas da Vida

Nós o fragmentássemos em pedaços - e então  
Satisfaríamos o Desejo de nosso Coração!"

"Veja! A Lua surgindo no Céu novamente  
Olha para nós, querida, através do Plano vibratório:

Quantas vezes depois, surgindo, ela procurará  
Entre aquelas folhas - por um de nós, em vão!"

No primeiro **rubá'i** exemplificado, o vinho aparece personificado pela relação amorosa, com o poeta invocando os amigos (talvez os de taverna) para

<sup>77</sup> KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Trad. Edward Fitzgerald. 1ª ed. Op. cit., p. 35.

<sup>78</sup> Id. *ibid.*, p. 43.

<sup>79</sup> Id. *ibid.* 2ª ed., p. 102.

tomarem conhecimento de que não conseguiu resistir aos atrativos da bebida e a ela resolveu se entregar, menosprezando a razão, fria e insensível. Ao apego à racionalidade se sobrepôs o amor pelo vinho.

Quanto ao poema LXXIII, o amor que o poeta invoca é o da amada cúmplice, a “Filha da Vinha” que ele desposou no **rubá’i** XL da 1ª edição. Num tom de revolta e de desalento, lamenta não poder conspirar, juntamente com ela, contra os desmandos do Fado. Novamente o que se impõe é a supremacia deste último sobre os desejos e aspirações humanos.

Já no poema CIX, num cenário idílico, o poeta chama a atenção da amada para o fenômeno do ressurgimento periódico da Lua, o qual, infelizmente, não é acompanhado pelo homem, que a cada dia morre e, por fim, desaparece. Gradativamente, o tom terno e suave passa a dar lugar ao desencanto e à desilusão.

O interessante a ser observado nas **rubá’iyat** de Khayyam é que, por mais que o poeta se insurja contra a ação implacável do Fado e até se sinta convencido da evidente fragilidade humana que impele o homem à morte, seu vocabulário envereda, em alguns momentos, para o “belo”, com nuances mais positivas, muitas vezes combinadas com o “feio” ou o “mórbido”, como no **rubá’i** LXVII da 1ª edição.

“Ah, with the Grape my fading Life provide,  
And wash my Body whence the Life has died,  
And in a Windingsheet of Vine-leaf wrapt,  
So bury me by some sweet Garden-side.”<sup>80</sup>

“Ah, trazei a Uva à minha Vida declinante,  
E lavai meu Corpo cuja Vida morreu,  
E envolva-me numa Mortalha de Folha de Uva,  
Então enterrai-me em algum recanto doce deste Horto.”

Além desse **rubá’i**, outros há em que o “belo” está presente, como no **rubá’i** V da 1ª edição (mesmo número nas edições seguintes, mas com algumas modificações), cuja atmosfera desoladora dos dois primeiros versos dá lugar a um ambiente rico em vida e esperança.

“Iram indeed is gone with all his Rose,  
And Jamshyd ‘s Sev’n-ring’d Cup where no one knows;  
But still a Ruby gushes from the Vine,  
And many a Garden by the Water blows.”<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> Id. *ibid.* 1ª ed., p. 42.

<sup>81</sup> Id. *ibid.*, p. 26.

“Iram foi-se coroada de Rosas,  
E a Urna de Sete Anéis de Jamshyd para ninguém conhece;  
Mas ainda há um Rubi entre as Vinhas,  
E ainda há um Jardim a reflorescer junto à Água.”

Semelhante postura perante a vida não é compartilhada pelo Pessoa ortônimo em suas **ruba'iyat**, conforme pudemos verificar ao longo do desenvolvimento desse subitem. A visão da realidade, em ambos, é negativa. Apenas em Pessoa

“a essa realidade nega-se determinação, nega-se a própria essência e por isso abundam os indefinidos e os advérbios que significam negação: nada, nenhum, ninguém, nunca, não, nem e sem.

A linguagem do não é a do limite das potências humanas insuficientes para atingir a verdade. O poeta no-la dá cheia de emotividade porque tudo quanto nega afirma a certeza de quem já não espera nada e de quem já não quer esperar. Até a limitação do objecto é um grau elevado do caminho da desilusão:...”<sup>82</sup>

Isso é tão patente na poesia de Pessoa que, mesmo nos raros momentos em que o otimismo ou o prazer parecem despontar na alma do poeta, logo sobrevêm a desesperança e a amargura, consumando o tempo e a história. Essa diferenciação com algumas **ruba'iyat** de Khayyam reside justamente nessa visão negativa que domina os últimos versos de várias quadras: é como se o poeta partisse do “belo”, representado, muitas vezes, pela rosa, e chegasse, inevitavelmente, ao “mórbido” ou à negação completa de tudo. A leve ascensão em Khayyam é prometedora, ao passo que o declínio, no ortônimo, é vertiginoso.

Exemplos desse decaimento em Pessoa “ele mesmo” está no último **ruba'i** do poema “Rubaiyat”, publicado na revista *Contemporânea* 3, em que do gozo, do vinho, da festa e da dor, segue-se o apagamento total, o nada absoluto.

“(…)”

Ao goso segue a dôr, e o goso a esta.  
Ora o vinho bebemos porque é festa,  
Ora o vinho bebemos porque ha dôr.  
Mas de um e de outro vinho nada resta. “<sup>83</sup>

Na **ruba'iyat** das pp. 70 e 71 das *Novas Poesias Inéditas*, é no último **ruba'i** que a rosa aparece como símbolo tradicional da beleza precária, fadada ao fencimento, apesar de seus variados matizes. Sem inovar no emprego

<sup>82</sup> PADRÃO, Maria da Glória. *A Metáfora em Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1973, p. 174.

<sup>83</sup> PESSOA, Fernando. “Rubaiyat”. In: *Contemporânea*. Op. cit., p. 98.

simbólico, mas intensificando-o, Pessoa “ele mesmo” permite que as rosas sejam colhidas, já que tudo irá se reduzir irremediavelmente a nada.

“(…)  
Colhes rosas? Que colhes, se não-de ser  
Motivos coloridos de morrer?  
Mas colhe rosas. Porque não colhê-las  
Se te agrada e tudo é deixar de o haver?”<sup>84</sup>

Outro exemplo desse declínio inerente à poesia do ortônimo está na **ruba'iyat** das pp. 68 e 69 também das *Novas Poesias Inéditas*, mais especificamente no penúltimo **ruba'i**, cujo tema é o sonho e a sua efemeridade. A presença do “belo” enquanto momento extático aparece representado pelo poente como se fosse um sonho, logo desvanecido no último verso com a chegada da noite.

“(…)  
Quantas vezes o mesmo poente alheio  
Sobre meu sonho, como um sonho, veio!  
Quantas vezes o tive por augusto!  
Tantas, tornado noite, perde o enleio.  
(…)”<sup>85</sup>

Do ponto de vista simbólico,

“a noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação de vida. Ela é rica em todas as virtualidades da existência. Mas entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as *idéias negras*. Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida.”<sup>86</sup>

Com certeza o aspecto das trevas é o que caracteriza a noite no **ruba'i** supracitado: tempo de fermentação para a realidade imediata onde não existe mais espaço para o sonho, com seu poder sensivelmente encantatório.

---

<sup>84</sup> PESSOA, Fernando. *Novas Poesias Inéditas*. Op. cit., p. 71.

<sup>85</sup> Id. *ibid.*, p. 69.

<sup>86</sup> CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 9ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1995, p. 640.